

BRILHO NO FUTURO

*** Roberto Rodrigues**

O ano de 2009 foi bastante atípico para o agronegócio e para a economia brasileira em geral, devido aos reflexos da crise financeira global. Os mercados globais se fecharam, os países ricos voltaram a criar fortalezas protecionistas, os preços das commodities agrícolas despencaram e tivemos prejuízos importantes.

No entanto, enquanto o cenário externo teve características negativas, o interno não sofreu tanto.

Indicadores recentes mostram a grande importância que teve o nosso mercado interno para a recuperação mais rápida do Brasil diante da crise. Com a retração das exportações, foram os consumidores brasileiros que garantiram a atividade produtiva no país, e deverão seguir aumentando a demanda de produtos de origem rural, o que, se não houver mais problemas do que os já existentes para o setor, permitirá o crescimento da produção.

No entanto, o esvaziamento da crise deve também voltar a intensificar o mercado externo, especialmente nos países em desenvolvimento, com populações e renda crescentes.

Nunca é demais lembrar que a própria FAO calcula que a demanda por alimentos crescerá 70% até 2050, com o aumento da população global. E não apenas de alimentos, mas também de roupas, fibras, energia, enfim, tudo que vem da agricultura e da pecuária.

Cerca de 85% do crescimento da população mundial (seremos mais de 9 bilhões em 2050) estará nas regiões e países mais pobres do planeta: África, Ásia e América Latina. Coincidentemente, é nestes continentes que a renda per capita cresce mais. Seguramente ela no mínimo crescerá o dobro, nestes países, em relação aos mais ricos. E é sabido que uma família de baixa renda gasta mais em produtos vindos do agronegócio quando a renda cresce, do que as famílias de renda alta.

Tudo isso realimenta as expectativas de um Brasil fortemente presente nos mercados agrícolas internacionais.

Dados preliminares do mais novo trabalho de Projeções do Agronegócio Brasileiro preparado pela Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sinalizam com clareza o imenso potencial que temos neste cenário, sublinhando alguns itens: o esgotamento de áreas agricultáveis nos países mais populosos e a dificuldade de repor os estoques mundiais de grãos, sobretudo por causa do aumento já referido do consumo de arroz, trigo, milho e soja.

Segundo este excelente trabalho, as expectativas são animadoras.

O milho deverá saltar de uma produção de 51 milhões de toneladas em 2008/09 para mais de 70 milhões em 2019/20, um crescimento de 37,5%.

A soja, de 57 milhões de toneladas para 82 milhões, crescendo 43,5%.

A carne de frango, de 11,13 milhões de toneladas para 16,63 milhões, quase 50% a mais.

O algodão crescerá 68%, saltando de 1,19 milhões de toneladas para 2,21 milhões.

As carnes (bovina, de aves e suína) terão crescimento médio superior a 35%.

Celulose irá de 12,7 milhões para 18,10 milhões, mais 43%.

Mas a grande vedete mesmo é o etanol, cuja previsão de crescimento é de 127,33%, saindo dos atuais 27 bilhões de litros para 63 bilhões.

As razões para este salto notável do nosso melhor combustível renovável são muitas. Em primeiro lugar está mesmo o fato de ser renovável, e ainda com a produtividade melhorando ano após ano. Em segundo lugar, vem o tema ambiental. As emissões de CO₂ da cadeia da cana-de-açúcar representam apenas 40%, no máximo, das emissões da gasolina. Em terceiro lugar, gera muito mais empregos que o petróleo. Em quarto lugar a demanda é explosiva: Estados Unidos, Japão e União Européia tem, em média 50 carros para cada 100 habitantes. China e Índia, com mais de 1/3 de população da Terra, tem menos de 3 carros para cada 100 habitantes. É claro que a demanda por combustíveis vai ser imensa nestes países.

Uma quinta razão é que, sendo a cana-de-açúcar a matéria-prima para etanol, ela permite a produção de alimentos – sobretudo leguminosas – na área de renovação. Tudo isso nos leva a admitir que a agroenergia pode revolucionar positivamente a geopolítica global, porque serão os países tropicais que a produzirão para atender à demanda do mundo todo. E o Brasil pode realmente liderar esta grande transformação.

Estes expressivos aumentos da produção estarão fundamentados na maior produtividade por área, graças às novas tecnologias agropecuárias geradas em nossos órgãos de pesquisa e à notável melhoria de gestão incorporada pelos nossos produtores rurais. Também as cooperativas agropecuárias, cada vez mais inseridas no desenvolvimento tecnológico e na agregação de valor, terão um papel determinante para a consumação destas expectativas.

E, se elas se concretizarem, mesmo com o mercado interno aquecido, haverá bastante excedente exportável. O trabalho do MAPA informa que nossas exportações crescerão espetacularmente, nos próximos 10 anos, para alguns produtos em especial.

O maior salto será dado pelo etanol, saindo de 4,7 bilhões de litros em 2008 para 15 bi. em 2019/20, um pulo de 223%. Claro que isto depende de estratégias a serem implementadas pelo governo e pelo setor, mas o fim da crise já está provocando um grande movimento na área sucroenergética em torno das aquisições e incorporações muito grandes, incluindo a entrada de grandes multinacionais.

O segundo colocado é o algodão, crescendo 91,6%, seguido de leite (84%), carne bovina (83%), milho (80%), carne de frango (71,5%), celulose (87%), óleo de soja (53%), açúcar (52,3%), e papel (42,4%).

Embora estes dados sejam preliminares, e portanto sujeitos a pequenas modificações, é notável o que o agronegócio brasileiro fará pelo país, em termos

de abastecimento interno e exportação, em termos de geração de empregos, riqueza e renda para todos os cidadãos, principalmente os urbanos.

Tranqüilidade de abastecimento é garantia de que a inflação não voltará, elemento base para nosso desenvolvimento equilibrado e até para a consolidação de nossa democracia.

Neste cenário favorável, o Estado de Mato Grosso terá um papel muito relevante. Em primeiro lugar, pela extensão do território, amplamente favorável ao agronegócio. Em segundo lugar porque é ocupado por produtores rurais modernos e eficientes, que adotaram as mais novas tecnologias agrícolas disponíveis e também ferramentas de gestão contemporâneas. O Estado tem sido governado por gente que conhece o setor rural e sabe onde estão os gargalos.

Todos estes fatos sinalizam para o Estado num futuro muito mais importante do que já tem hoje em nível nacional: quando os temas de infraestrutura e agregação de valor tiverem sido equacionados, Mato Grosso será a grande locomotiva do agronegócio brasileiro.

Aliás, há uma ampla lição de casa ainda por fazer para que este potencial se realize. Embora haja uma certa predestinação para nosso sucesso global no agronegócio, ele não está dado: precisa ser construído. E para tanto, é preciso implementar a Política Agrícola gestada pelo Ministério da Agricultura. É preciso que o governo todo se ocupe de uma estratégia em favor do agronegócio, de tal forma que todos os Ministérios e órgãos do governo se empenhem coletivamente neste projeto. Se assim for, o agronegócio brasileiro levará nosso país para o primeiro mundo, com certeza, antes mesmo de 2020.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**